

O MISTÉRIO DA MALA¹

Doquinha de Lima Lustoza



[30]² Um nó transparente na madeira velha e grossa da janela do quarto de tia Marocas era um olho de fogo de um monstro que se apagava com o cair da tarde para acender de novo no dia seguinte à hora em que o sol dava em cheio naquele pedaço da casa.

Quando lá dormia, muitas vezes acordei durante a noite, apavorado com as histórias que meu irmão mais velho me contava a respeito do nó. Era o mesmo que anos depois, em cidade e casa diferentes se reproduzia na janela do quarto de minha mãe que tinha o cuidado de fechá-la durante o dia para que o sol não castigasse os móveis.

Nessa ocasião foi que travei conhecimento com aquilo que já se esboçava dentro em mim, que nos castiga e remorde quando não andamos no bom caminho. Esse olho sempre atento às minhas traquinadas era o verdadeiro olho mágico que me indicava o dever e infundia pavor quando não andava direito. Que estranha força possuía ele? Cheguei a definhar por sua causa e minha vida perigou.

¹ LUSTOZA, Doquinha de Lima. O mistério da mala. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, Ano XLIII, n. 2221, p. 30-31, 12 nov. 1949.

² Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

Nada disso tem aparentemente relação com o que vou contar; todavia é um dos elos da cadeia de emoções que encheram minha infância atribulada.

O tempo e o fato a que me refiro eram os de uma temporada em nossa fazenda que ficava nem muito perto nem tão longe da cidade mais próxima.

Nessa tarde caía uma daquelas chuvas que eram como milhares de estiletes prateados traspassarem a terra que indefesa deitava seiva pelos poros inundando tudo.

Tínhamos acabado de jantar e passamos para a varanda onde a palestra se animou. Falávamos em fatos extranaturais e cada um contava uma história. Influenciada por Edgar Poe, meu contista predileto, metia eu de permeio com os pretensos reais, alguns episódios seus.

Foi aí que surgiu, não se sabe de que lado, um homem ainda moço, de aspecto estranho que apeando de um cavalo, dirigiu-se para a porta que dava acesso à varanda. Ao ver-nos ele pediu, elevando a voz para se fazer ouvir, que o deixássemos pousar ali por aquela noite que prometia ser das piores, não havendo probabilidade para ele continuar a viagem sem grande risco. Teria que perfazer ainda grande trecho até o fim de sua jornada e não era prudente se aventurar...

Aquiescemos de boa vontade e convidamos o cavaleiro desconhecido a subir e nos fazer companhia.

Ao enfrentá-lo, vi diante de mim os dois olhos da madeira que ali juntos pareciam zombar do terror que eu certamente não ocultava naquele momento.

Afinal eles ali estavam com aquele mesmo brilho incandescente que via na minha infância completando com a imaginação os detalhes daquelas

órbitas inexpressivas. Eram bem eles que ali se apresentavam oficialmente sem que para isso eu estivesse preparada.

O horror que se apossou de mim foi indescritível!

Fiquei parada, sem ação e alguém notando meu embaraço, tomou a palavra e começou a fazer as honras da casa, convidando o desconhecido a sentar-se enquanto tentava aliviá-lo de sua pequena carga. Conservou-se irreduzível, colocando-a a seu lado, recusando assim qualquer auxílio.

Estávamos no ponto mais palpitante da palestra que, como já disse, versava sobre fatos macabros.

Entre outros, havíamos acabado de comentar o caso do assassino da mala que os jornais da capital tinham noticiado em grandes manchetes e de quem não se sabia o paradeiro.

Entre um gole e outro do café que o cavaleiro estranho saboreava em nossa companhia, ele começou a falar em tom solene.

Disse que o que tinha naquela mala era a condensação da sua própria vida, que ali jazia o que de precioso jamais existiu para ele!

O mistério que o envolvia era dos que não deixam a menor dúvida. Sim! Era ele o criminoso procurado pela polícia de todo o país. Como souberam do paradeiro da jovem assassinada? Nessas horas há sempre alguém à espreita, que se encarrega de revelar à polícia o que acontece...

O homem era mesmo o tipo acabado do tarado. Via-o agora em suas mãos e dedos chatos, unhas roídas [31] até o sabugo, mãos cujas linhas eu não via mas adivinhava terem as cruzes fatais da desgraça para si e... para os outros. Enquanto falava deixava escorregarem os dedos sobre a mala numa carícia quase frenética e de repente parou de falar. Tomaram-lhe a deixa mudando o assunto que descambava para um rumo perigoso.

Não compreendi por que essa pressa dos interlocutores em mudar de assunto; talvez o receio de se positivarem as suspeitas. Essa cumplicidade é que me causava remorsos!... E aqueles olhos ali sempre esbugalhados e vermelhos, quase a saltar das cavidades... Estaria a sorte fazendo comigo algum jogo?

Teria preferido ceder ao destino tudo o que exigisse de mim, a ter pela frente ainda que por um segundo, aqueles olhos tremendos!

Chegou enfim a hora de dormir para todos e já parcialmente restabelecida do susto, levei o hóspede e sua inseparável mala ao quarto que lhes era destinado, vencendo assim a primeira etapa do medo.

Restava ainda a noite inteira sob o mesmo teto com o assassino da mala.

Recolhi-me ao meu quarto e apaguei a luz. Foi então que entraram em atividade os seres inanimados na escuridão completa... Antes de apagar a luz havia fechado a porta a sete chaves, colocando mesa, cadeiras, enfim tudo o que pudesse retardar o arrombamento que era bem provável que se desse ali tendo eu ainda tempo para gritar socorro. E eu a virar e a revirar na cama, gelada a pensar naquela cara de maníaco, na situação embaraçosa em que se encontrava, com aquela mala cujo conteúdo já devia estar em franca decomposição.

Seria impossível conciliar o sono sabendo que aí a dois passos estava um cadáver esquartejado, guardado por um assassino que talvez ainda quisesse continuar sua obra destruidora, escolhendo-nos para próximas vítimas, sem falar nas complicações que adviriam ao certo com a polícia etc.

Se o sono nos furtasse poderíamos acordar com a mão do criminoso, aquela mão bestial, a investir para algum de nós na sua sanha sanguinária, ou quem sabe? Não acordaríamos mais e nada se esclareceria para nós?

Sentia em cada membro a dor do esquartejamento e os instrumentos de suplício vinham da forja incandescente daquelas duas órbitas em brasa que mais do que nunca ali no escuro causavam horror! Ouvia ruídos de todos os lados. Estalido no madeiramento já eram os últimos aprestos para mais um assassinato.

Sons ocos no teto eram manifestações do espírito da vítima da mala que vagava às soltas procurando em vão juntar as partes do seu esquartejado corpo. De repente um baque no meu quarto e eu de pé sem saber como, viro o comutador da luz. A maleta que eu havia colocado em falso sobre a barricada caíra... e era só.

Passado o susto, venceu-me um torpor que em pouco passou a sono profundo.

Contra toda a expectativa a noite foi branca, felizmente sem pinta de sangue. Levantei-me cedo para providenciar o café para o incômodo hóspede, quando dei com um bilhete sobre a mesa de jantar e nele se liam estas palavras:

“Gratíssimo pela hospedagem, não quis, no entanto, incomodá-los de manhã tão cedo; por isso, à hora em que lerem este estarei já perto da minha Escola em Matosinhos, onde possuo um pequeno museu de História Natural que agora ficará enriquecido com o único espécime que me faltava: o esqueleto humano que trago comigo desarmado. Lá estarei às suas ordens aguardando o prazer de sua visita.”



FICHA TÉCNICA

Coordenação geral: Júlio França e Oscar Nestarez
Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva
Revisão textual: Amanda Marinho e Arthur Dias Fontes
Preparação: André Azevedo de Alvarenga, Larissa Adur,
Rosane Velloso e Sora Maia Souza
Design gráfico e redes: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra

Biblioteca digital de
narrativas obscuras
brasileiras

